

A FILOSOFIA NOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE AS ÁREAS E OS AUTORES MAIS RECORRENTES NOS CURRÍCULOS

**Valdirene Aparecida Pascoal, Universidade Estadual Paulista (Unesp),
<https://orcid.org/0000-0002-3695-6560>**

Rui Cherene, Universidade Estadual Paulista (Unesp), <https://orcid.org/0000-0001-8570-3503>

**Carlos Cândido de Almeida, Universidade Estadual Paulista (Unesp),
<https://orcid.org/0000-0002-8552-1029>**

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é o de analisar a aplicação do ensino de filosofia nos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Para compreender essa importante relação entre Biblioteconomia e o ensino de Filosofia, realizou-se um levantamento inicialmente quantitativo, para que, posteriormente, se apresente reflexões qualitativas que analise o impacto de disciplinas humanísticas na formação dos bibliotecários. Com base nesses estudos, foi possível primeiro compreender que a importância dessas disciplinas filosóficas nos cursos da Biblioteconomia, sugere a capacitação profissional para além do âmbito técnico, possibilitando que os profissionais atuem em dimensões sociais, políticas e culturais, desenvolvendo uma visão crítica em relação às organizações sociais e ambientes laborais. A biblioteconomia, como um ramo da ciência da informação, se fundamenta na sua capacidade de registrar, guardar, estocar informações cruciais para o desenvolvimento do conhecimento. E, o ensino da Filosofia nestes cursos, estimula através da sua exigência de demonstração, racionalização e exposição a coragem dos profissionais da biblioteconomia a pensar corretamente sobre assuntos desta área do saber.

Palavras-Chave: Biblioteconomia; Filosofia; Ensino.

LA FILOSOFÍA EN LOS CURSOS DE BIBLIOTECOLOGÍA EN BRASIL: UN ESTUDIO SOBRE LAS ÁREAS Y AUTORES MÁS RECURRENTES EN EL CURRÍCULO

RESUMEN

El objetivo general de esta investigación es analizar la aplicación de la enseñanza de la filosofía en los cursos de Biblioteconomía en Brasil. Para comprender esta importante relación entre la Biblioteconomía y la enseñanza de la Filosofía, se realizó un levantamiento inicialmente cuantitativo, para, posteriormente, presentar reflexiones cualitativas que analicen el impacto de las disciplinas humanísticas en la formación de bibliotecarios. Con base en estos estudios, primero fue posible comprender que la importancia de estas disciplinas filosóficas en los cursos de Bibliotecología sugiere una formación profesional más allá del ámbito técnico, capacitando a los profesionales para actuar en las dimensiones social, política y cultural, desarrollando una visión crítica de las organizaciones sociales y ambientes de trabajo. La bibliotecología, como rama de la ciencia de la información, se basa en su capacidad para registrar, almacenar y almacenar información crucial para el desarrollo del conocimiento. Y, la enseñanza de la Filosofía en estos cursos, por su exigencia de demostración, racionalización y exposición, estimula el coraje de los profesionales de la biblioteconomía para pensar correctamente las cuestiones de esta área del saber.

Palabras-Clave: Biblioteconomía; Filosofía; Enseñanza.

THE PHILOSOPHY IN LIBRARY SCIENCE COURSES IN BRAZIL: A STUDY ON THE MOST RECURRENT AREAS AND AUTHORS IN THE CURRICULUM

ABSTRACT

The general objective of this research is to analyze the application of philosophy teaching in Librarianship courses in Brazil. To understand this important relationship between Librarianship and the teaching of Philosophy, an initially quantitative survey was carried out, so that, later, qualitative reflections are presented that analyze the impact of humanistic disciplines on the training of librarians. Based on these studies, it was first possible to understand that the importance of these philosophical disciplines in Librarianship courses suggests professional training beyond the technical scope, enabling professionals to act in social, political and cultural dimensions, developing a critical view of the social organizations and work environments. Librarianship, as a branch of information science, is based on its ability to record, store, and store crucial information for the development of knowledge. And, the teaching of Philosophy in these courses, through its demand for demonstration, rationalization and exposition, stimulates the courage of professionals in librarianship to think correctly about matters in this area of knowledge.

Keywords: Librarianship; Philosophy; Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a situação do ensino de filosofia nos cursos de Biblioteconomia do Brasil. Para tanto, faz-se necessário um levantamento das disciplinas ministradas nos cursos, sua relação com a Filosofia e a construção da própria Ciência da Informação. Além das metodologias e abordagens específicas da Ciência da Informação, do arcabouço teórico das disciplinas que constituem a formação dos profissionais, perfil e atuação, o curso de biblioteconomia, de acordo com Mueller (1985), é constituído por disciplinas de formação humanística como história, filosofia e sociologia.

Não se pretende discutir no artigo aqui esboçado questões pedagógicas inovadoras, mas analisar a condição de aplicabilidade de disciplinas de âmbito filosófico nos cursos de biblioteconomia e suas contribuições para a área. A importância dessas disciplinas na Ciência da Informação sugere a capacitação profissional para além do âmbito técnico, possibilitando que os profissionais atuem em dimensões sociais, políticas e culturais, desenvolvendo uma visão crítica em relação às organizações sociais e ambientes laborais.

A partir de uma análise dos projetos pedagógicos e das disciplinas ofertadas pelos cursos de biblioteconomia do Brasil, tem-se um quadro geral da aplicabilidade da filosofia para a formação de futuros bibliotecários. Segundo Mueller (1985), o ensino de Biblioteconomia no Brasil é dividido em cinco fases: de 1879 a 1929, liderado pela Biblioteca Nacional, no qual a influência francesa predomina. A segunda fase abrange o período de 1929 a 1962, que teve como influência principal um curso fundado em São Paulo, sob inspiração norte-americana. A terceira fase teve início a partir de 1962 e sua principal característica é a uniformidade dos cursos, com base em um currículo mínimo.

A quarta fase, a década de 1970 em que houve uma grande oferta e fortalecimento de cursos, a autora atribui esse crescimento de cursos pelo descontentamento em relação ao currículo mínimo da terceira fase, o início da difusão de tecnologias de comunicação e informação e surgimento da pós-graduação.

A quinta fase teve início a partir de 1982, data que marca a aprovação do novo currículo mínimo e a reformulação dos programas. A história do ensino de biblioteconomia e a

aplicabilidade das disciplinas de Filosofia nos remete ao próprio surgimento da ciência da informação.

A biblioteconomia, como um ramo da ciência da informação, se fundamenta na sua capacidade de registrar, guardar, estocar informações cruciais para o desenvolvimento do conhecimento.

Nesse sentido, compreende-se o papel da biblioteconomia enquanto uma área com função social destacada, não apenas pela fundamentação e aplicação da informação no cotidiano dos usuários, mas também pela sua prática crucial no desenvolvimento do conhecimento.

2 A HISTÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA

A estrutura de implementação do ensino de biblioteconomia no Brasil é demarcada por três eixos principais: influência francesa, influência norte-americana e a implementação do currículo mínimo.

De acordo com o autor Mueller (1985), em 1811, esperava-se de um bibliotecário, como expõe Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, as seguintes características: “[...] ser um sujeito de muita boa conducta, que saiba bem ler, escrever e contar, sendo muito para desejar-se que tenha conhecimento de Línguas, principalmente a Latina, Franceza e Ingleza”. (Castelo Branco, 1811, como citado em Mueller, 1985, p. 4). Percebe-se a importância do domínio de línguas nesse primeiro momento.

Mueller (1985) afirmou que a Biblioteca Nacional exigia no concurso para as vagas de bibliotecário o domínio de disciplinas de história, geografia, literatura, filosofia, bibliografia, iconografia, classificação de manuscritos e línguas. Nota-se ainda a importância do grau de conhecimento de cunho humanístico exigido aos candidatos. Autores como Souza (2009), Guimarães & Fujita, Cunha & Souza (2006), desenvolveram uma análise minuciosa sobre a trajetória do ensino de biblioteconomia no Brasil.

As práticas do bibliotecário, como aponta Souza (2009), não se encerram em si mesmas, o profissional precisa conhecer profundamente e dominar conhecimentos filosóficos, históricos, sociais e psicológicos, para desempenhar a função multidisciplinar que a biblioteconomia exige.

Para compreender essa importante relação entre biblioteconomia e o ensino de filosofia, realizou-se um levantamento inicialmente quantitativo, para que, posteriormente, se apresentassem reflexões qualitativas que analisem o impacto de disciplinas humanísticas na formação dos bibliotecários.

Um dado interessante para compreender como nasce a biblioteconomia no Brasil, segundo Fonseca (1978), é que quando os europeus chegaram ao Brasil e deram início ao seu processo de colonização e exploração, bibliotecas do Egito, Babilônia, Grécia e Roma, já haviam alcançado seu esplendor, tanto na Antiguidade, Idade Média e Renascimento. Por exemplo, uma das mais renomadas bibliotecas, como a da Universidade de Coimbra, já havia sido inaugurada em 1536.

Fonseca (1978) aponta que as primeiras bibliotecas brasileiras foram as escolares, a partir dos estudos promovidos pelos colégios franciscanos. Nas cartas escritas pelos Jesuítas, eles registram que assim que chegaram ao Brasil, os meninos que frequentavam as aulas de Latim no Colégio dos Meninos de Jesus, começaram a pedir livros. Nas palavras do autor:

As cartas dos primeiros Jesuítas mostram que esta não é apenas uma hipótese. Tão logo chegaram ao Brasil, começaram eles a pedir livros. “Em Portugal - informa o Pe. Serafim Leite na *Suma histórica da Comunidade de Jesus no Brasil* - não se esqueceram do pedido, e antes do fim do ano chegaram à Bahia duas caixas de livro, humilde início da que seria daí a dois

séculos a maior biblioteca do Brasil”.
(Fonseca, 1978, p. 13).

De acordo com o autor, os Jesuítas, além de serem os primeiros professores do Brasil, foram também os primeiros bibliotecários, eles eram responsáveis pela alfabetização, encadernação, tipografia, distribuição, impressão, entre outras atividades imprescindíveis no funcionamento de uma biblioteca, ou o que por volta de 1500 era tido como “biblioteca”.

Além das bibliotecas religiosas e escolares, o início da biblioteconomia no Brasil foi marcado pela existência de bibliotecas particulares. Na contramão do Iluminismo, nas bibliotecas das escolas e mosteiros, não era permitida a entrada de livros “que exprimiam a crise da consciência européia” (Fonseca, 1978, p. 18). No entanto, os ideias do iluminismo chegaram a um determinado grupo de brasileiros, estes foram responsáveis pelas primeiras coleções particulares de livros.

A história inicial das bibliotecas no Brasil segue, muitas vezes, o rumo da expansão religiosa, as Bibliotecas dos Seminários ganharam notoriedade por volta de 1789, em que Azeredo Coutinho publica em Lisboa os *Estatutos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça (sic) da cidade de Olinda*.

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, Dom João VI funda a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, em 1810. O século XIX foi marcado pela inauguração de algumas bibliotecas públicas, em Sergipe, Pernambuco, Recife, Paraná, Paraíba, Alagoas, Amazonas e Rio Grande do Sul. (Fonseca, 1978, p. 54-58).

Embora as inaugurações de bibliotecas públicas tenham transformado o cenário do país, o Brasil adentrou o século XX, de acordo com Souza (2009), conhecendo muito pouco sobre a nascente ciência da biblioteconomia.

Butler (1971) considera que para se conhecer a ciência que rege o profissional bibliotecário, é necessário que suas práticas estejam fundamentadas em saberes filosóficos, históricos, sociais, psicológicos, pois tais

conhecimentos tornam as ações realizadas pelo bibliotecário uma atividade multidisciplinar e não apenas técnicas de descrição e localização de documentos.

Souza (2009) considera que a sociedade brasileira não apenas desconhecia os fundamentos da biblioteconomia no início do século XX, como o próprio funcionamento das bibliotecas públicas não era uma exigência da sociedade em geral. Elementos como trabalhos dinâmicos exercidos nas associações e sindicatos dos trabalhadores, falta de acesso e precarização de escolas, economia fragmentada, vida urbana escassa, bem como a escassez da cultura, seriam responsáveis pelo desinteresse da população e privação de bibliotecas públicas nas cidades brasileiras da época.

Souza (2009, p. 43) cita Gomes (1983) para analisar quais são as condições sociais e econômicas para o desenvolvimento e crescimento de bibliotecas. Como condições sociais, deve-se esperar da sociedade:

- a) O aparecimento de centros urbanos, que em suas múltiplas atividades produzem registros que requerem sistemas sofisticados de informação;
- b) A educação, que organizada como um sistema formal, requer não somente registros, mas as facilidades oferecidas por uma biblioteca como apoio ao sistema educacional;
- c) Estabilidade da vida familiar;
- d) Disponibilidade de tempo e lazer;
- e) Tamanho das famílias e da população como um todo. (Gomes, 1983, pp. 13-14 apud Souza, 2009, pp. 43).

Como condições econômicas que não favorecem as bibliotecas, o autor aponta:

- a) A economia bem desenvolvida e próspera, que necessita de um sofisticado sistema de conservação de registros, não só para atender as atividades do governo, mas também às pesquisas que o desenvolvimento tecnológico e econômico requer;

- b) Grande disponibilidade de recursos financeiros excedentes que possam liberar verbas, para um amplo desenvolvimento de bibliotecas;
- c) Matéria-prima para a produção de registros impressos baratos ou de fácil obtenção;
- d) Comércio livreiro bem-organizado e implantado, apto a fornecer, prontamente, livros a preços acessíveis (Gomes, 1983, pp. 13-14).

Gomes (1983) também reitera condições políticas:

- a) Governo eficiente e bem estabelecido, com tranquilidade política para apoiar e estimular a criação e desenvolvimento de bibliotecas;
- b) Aparelho burocrático complexo, que demanda grande quantidade de informação de âmbito nacional e internacional, coletada e organizada em bibliotecas (Gomes, 1983, pp. 13-14).

De acordo com parâmetros mencionados pelo autor, a precariedade de bibliotecas públicas no Brasil, em alguns estados, até mesmo na contemporaneidade, justifica-se pelas condições expostas. O que se sabe é que até o início do século XX as bibliotecas públicas, quando existentes, eram formadas por coleções restritas, sem um quadro de funcionários qualificados.

Gomes (1983, pp. 46-58) quantifica, no final do período de 1901 a 1910, 258 bibliotecas, entre públicas, populares, escolares e universitárias. O número de bibliotecas teve um aumento no final do período de 1911 a 1920, que chegou a 380. Souza (2009) comenta que

esse aumento não necessariamente significa um crescimento real, mas sim a possibilidade de acesso a dados, fontes e informações novas. O levantamento realizado por Souza (2009, p. 183) demonstra os seguintes números ao tratar do crescimento das bibliotecas:

Figura 1: Bibliotecas no Brasil - Dados do Século XX

| Ano | Total de bibliotecas |
|------|----------------------|
| 1912 | 465 |
| 1935 | 2.312 |
| 1946 | 2.774 |
| 1957 | 1.172 |
| 1964 | 2.139 |
| 1971 | 2.517 |
| 1979 | 15.831 |
| 1985 | 21.602 |

Fonte: Souza (2009, p.184).

Percebe-se que a implementação e crescimento das bibliotecas no Brasil não aconteceu de forma linear e progressiva. Diversos fatores podem ser apontados para a instabilidade desse desenvolvimento, por exemplo, no período da ditadura militar o número de bibliotecas sofreu uma queda de quase 50% e retomou o crescimento a passos lentos. Somente nos anos finais do regime que o número de bibliotecas teve um crescimento significativo.

Souza (2009, p. 46) argumenta que o Brasil se manteve coerente com as tradições portuguesas, ou seja, “primeiro institui normas, depois adquire-se o acervo, e por último, leva-se em conta a presença do usuário”. E nesse contexto, surge o curso de biblioteconomia na Biblioteca Nacional.

3 O ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

As dimensões da educação no contexto da biblioteconomia no Brasil segue em cinco fases, como mencionado. Alguns marcos são centrais quando se trata dessas dimensões, segundo Castro (2000): 1) Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional; 2) a

trajetória do ensino da biblioteconomia no estado de São Paulo; 3) a trajetória do ensino da biblioteconomia nos anos 40; 4) a reforma de 62; 5) a expansão do ensino de biblioteconomia pelo Brasil.

O curso de biblioteconomia criado em 1911 na Biblioteca Nacional, iniciou suas atividades apenas em 1915, por razões diversas, inclusive desistência de alunos, de acordo com Castro (2000). O conteúdo bibliográfico era composto pelas seguintes disciplinas: Administração de Bibliotecas, Catalogação, Cartografia, Sigilografia e Filatelia. O exame de admissão era composto por provas escritas de português, e provas orais temáticas das áreas de Geografia, Literatura, História Universal e de línguas: francês, inglês e latim.

Era condição, para ser bibliotecário, possuir cultura geral, o que incluía, além de conhecimentos da língua materna, demonstrado em prova escrita, saberes universais em diversos campos, aliados aos domínios dos idiomas falados nas Artes, Ciências e Letras (Castro, 2000, p. 54).

Desde os primórdios da biblioteconomia no Brasil, as disciplinas no curso de Biblioteconomia eram divididas em teóricas e práticas, aprofundando cultura em geral e um certo nível de erudição, como aponta o autor, embora o curso tenha passado por diversas reestruturações ao longo dos anos, durante o primeiro período, não houve mudanças extensas no currículo.

No estado de São Paulo, as diferenças em relação ao ensino da biblioteconomia eram mínimas, somente com a criação da Biblioteca Municipal em 1925, que algumas mudanças passaram a ocorrer. O Mackenzie ao se deparar com inúmeras dificuldades em relação ao acervo, considera implantar no Brasil, um modelo baseado na pedagogia americana, ou seja, o modelo pragmático de ensino de Biblioteconomia e Organização de Bibliotecas (CASTRO, 2000). Um pouco diferente da estrutura de ensino da Biblioteca Nacional, o Mackenzie constava com as seguintes disciplinas: Catalogação, Classificação, Referência etc. Percebe-se um modelo mais técnico, em detrimento de conteúdos mais eruditos.

Apesar de pequenas movimentações em relação ao ensino de biblioteconomia, os anos 40 surgem como transformadores, além da ampliação de bibliotecas e dos serviços oferecidos por ela, foi nessa década que novas formas de organização e metodologias apareceram, inclusive demarcando o nascimento do sistema de classificação universal.

Dessa forma, os anos 40 são considerados bastante significativos, pois ocorreram transformações intensas na área em termos de conteúdos pedagógicos. Castro (2000) afirma que além da adoção do modelo americano pragmático, houve a ampliação de oportunidades de acesso ao ensino, criação de novos cursos e um rearranjo nas disciplinas ofertadas. O enfoque, na reestruturação do curso de biblioteconomia, foi dado às disciplinas que pudessem auxiliar nas três principais demandas, aponta Castro (2000, p. 86):

- promoção de cursos para a atualização de bibliotecários;
- capacitação de mão-de-obra auxiliar bibliotecário;
- promoção e troca de experiências entre saberes do Brasil e outras nações.

A terceira fase, importante para a compreensão do desenvolvimento do ensino de biblioteconomia, perpassa a reforma de 62. Castro (2000) argumenta que a estrutura do curso, embora permaneça a mesma da década de 40, passou por algumas mudanças significativas, como: inclusão de novas disciplinas e a ampliação do tempo de curso.

A principal diferença entre o ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo é demarcado pela influência técnica e humanística. Demarcadas por influência francesa e americana. Fonseca (1997) relata:

O chamado “pragmatismo americano” se manifestou na universidade de Mackenzie no sentido de formar bibliotecários com ênfase nos processos técnicos, ao contrário dos

curso da Biblioteca Nacional, criados sobre a influência da École de Chartes. Creio que as duas orientações devem ser conciliadas. Mas o que ocorreu foi um lamentável conflito que chegou ao ponto de suscitar inimizades pessoais entre os bibliotecários de São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, a modernização de bibliotecas sobre o influxo do pragmatismo americano ocorreu tanto em São Paulo como [...] no Rio de Janeiro (Fonseca, 1997).

Percebe-se a influência das correntes na formação técnica e prática dos

bibliotecários. Influenciando, inclusive, a compreensão do seu papel enquanto profissional. Ao se comparar os currículos dos cursos oferecidos, e da influência exercida, é possível notar um abismo. No futuro, talvez seja interessante avaliar quais foram os rumos que a divisão técnica e humanística proporcionou à história da biblioteconomia, hoje entendida como uma área altamente interdisciplinar, é interessante compreender quais desses aspectos ainda prevalecem.

4 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA FILOSOFIA NA BIBLIOTECONOMIA

A Filosofia é reconhecida comumente como uma atividade intelectual muito abrangente. Ela não está limitada apenas a um setor ou a um aspecto da realidade. Gallo (2002), entende que a filosofia é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana, ou é um exercício de abertura ao risco, de busca de criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiância da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito nesta aventura que é ensinar filosofia, aprender filosofia (Gallo, 2002, p. 199).

Em relação ao seu ensino nos cursos da Biblioteconomia, deve através da sua exigência de demonstração, racionalização e exposição, estimular a coragem dos profissionais orientando-os a pensar corretamente o que devem pensar.

Recuperando a visão de Marcondes (2004), sobre o ensino da filosofia, percebe-se que ela pode motivar aos profissionais da biblioteconomia a desenvolver grande interesse pelas suas áreas de atuação e a compreender sua relevância.

Partindo do princípio de que o profissional bibliotecário é responsável pelo planejamento, implementação e gerenciamento dos sistemas de informação, o

saber filosófico pode desenvolver, além da vasta capacidade da racionalização da realidade em sua volta, princípios éticos e deontológicos na gestão das suas atividades.

No Brasil, o ensino da Filosofia nos cursos da Biblioteconomia tem vindo a registrar algum crescimento, apesar do aspecto seletivo, no que concerne às disciplinas correspondentes à filosofia.

Importante notar que no início o profissional da biblioteconomia deveria ter um arcabouço teórico e humanístico muito grande, o ensino da biblioteconomia ao sofrer diversas influências e modificações, passou a considerar habilidades técnicas, em detrimento dos conhecimentos humanísticos.

No entanto, Montello (1967) comenta a importância da interdisciplinaridade para o profissional bibliotecário:

Houve uma fase em que o bibliotecário era um grande humanista, que se assenhorava de técnicas biblioteconômicas e atuava em bibliotecas. O bibliotecário foi considerado como um profissional de que se exigia a vocação e a aptidão correspondente com o preparo adequado [...]. A transformação do curso da Biblioteca Nacional em 1944, substituindo a ênfase da preparação humanística pela ênfase da

preparação de ordem técnica reflete a nova tomada de posição dos bibliotecários brasileiros (Montello, 1967, p. 23).

Na reforma de 1962, os estudos filosóficos foram incluídos novamente no currículo dos cursos de biblioteconomia, a disciplina era intitulada Introdução à Cultura Filosófica e Artística. Após a cisão criada entre os cursos de São Paulo e Rio de Janeiro, percebe-se que disciplinas de teor filosófico,

histórico e psicológico estavam presentes apenas em alguns cursos.

Como se perceberá a seguir, essa separação, ainda prevalece. O levantamento realizado nessa pesquisa, mostra que nas universidades do Estado de São Paulo, as disciplinas de fundamentação Lógica, nos cursos de Biblioteconomia, aparecem mais vezes que às disciplinas de Ética. Ao analisar as universidades do Rio de Janeiro, as disciplinas introdutórias ao pensamento filosófico e ética ganham mais notoriedade.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada foi a pesquisa documental com base no plano de ensino e na estrutura curricular constantes nos projetos pedagógicos dos cursos de biblioteconomia do Brasil.

A busca foi realizada na plataforma do e-mec (<https://emec.mec.gov.br/>), que possibilita o acompanhamento integral da regulamentação de cursos do ensino superior, o registro de instituições de ensino e reconhecimento de cursos no Brasil. A coleta de dados foi realizada no dia 12/09/2022 e, a partir dela, obteve-se 73 resultados, que foram exportados e analisados através de planilhas.

Do número total de registros, a análise se restringiu apenas aos cursos em atividade, contabilizados em 54 cursos. Foram retirados da seleção 12 cursos que ainda não foram iniciados, 3 estão em processo de extinção e 4 já foram extintos.

Desses 54 cursos analisados, 14 estão na modalidade à distância e os outros 40 ocorrem de forma presencial. Dos 54 cursos, foram analisados apenas 35, pois foram os que disponibilizaram em seu sites no mínimo a ementa e a bibliografia das disciplinas obrigatórias.

6 RESULTADOS

Dos 35 cursos analisados, o curso da Universidade Federal Fluminense - UFF (EaD) não possui nenhuma disciplina em sua estrutura curricular obrigatória que enfatiza claramente teorias filosóficas inferidas pelo título. O mesmo ocorre com a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e a Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT. Portanto, 3 universidades não atendem aos requisitos para a análise aqui desenvolvidos, no entanto, oferecem disciplinas com conteúdos da filosofia na modalidade optativa, as quais não foram objeto desta pesquisa.

As 33 instituições restantes, oferecem ao todo 55 disciplinas. As disciplinas que mais se destacaram e podem ser analisadas por áreas de conhecimento foram: *Lógica, Ética e Introdução à Filosofia*. Tais conteúdos aparecem respectivamente nos currículos das universidades analisadas: 14, 12 e 11 vezes respectivamente.

Os autores que mais apareceram nas disciplinas dessas universidades e que versam sobre a filosofia de maneira introdutória foram: Chauí (1988) e Aranha (1992).

Nas disciplinas de Lógica, os autores que mais aparecem são Mortari (2001), Burke (2012) e Berti (2010).

E nas disciplinas de Ética, os autores que constam nas bibliografias dos cursos citados são: Baumann (2012) e Arendt (2014).

Embora quase todas as disciplinas levantadas tenham fundamentação filosófica, os autores e filósofos clássicos são mencionados poucas vezes na bibliografia básica. Isso demonstra um distanciamento das biblioteconomia aos clássicos e aos principais pensadores da filosofia, o que gera dificuldades na apropriação dos temas filosóficos, afetando assim uma adequada relação disciplinar.

A despeito do emprego dos autores da filosofia na pesquisa e pós-graduação em ciência da informação, estes não figuram de maneira tão clara nas disciplinas dos cursos de graduação em biblioteconomia.

Para melhor visualização dos resultados obtidos nesta pesquisa, apresenta-se a Figura 2:

Figura 2: Quantidades de disciplinas por área da Filosofia nos cursos de Biblioteconomia

| IES | Filosofia Geral | Lógica | Ética |
|-------------|--------------------|--------|-------|
| UNB | 1 | | |
| UFAM | 1 | 2 | |
| UEL | | | 1 |
| FURG | 1 | | |
| PUC | | | 1 |
| UDESC - EaD | 1 | | |
| USP | | 1 | |
| UNESP | | 1 | |
| CLARETIANO | | | 1 |
| FABCI | | 1 | 1 |
| UFPA | | 1 | 1 |
| UFRN | | 1 | |
| UFF | 1 | 1 | |
| UFES | 1 | 1 | |
| UFAL | | 1 | |
| UFPE | | 1 | 1 |
| UFRGS | 1 | 1 | 2 |
| UFRGS - EaD | 1 | | |
| UFC | 1 | | |
| UFG | 1 | | |
| UFSC | | 1 | 1 |
| UNIRIO | | | 1 |
| UNIASSELVI | | | 1 |
| UFCA | 1 | | |
| UFSCAR | | 1 | 1 |
| Total: | 11 | 14 | 12 |

Fonte: Autoria própria (2022).

Através dos sites oficiais dos cursos de cada universidade foram localizados, além da ementa e projeto pedagógico, a bibliografia em 8 universidades: Universidade de São Paulo - USP, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal do Cariri - UFCA e Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR.

Dois pontos que merecem destaque são: 1) A falta de menção dos clássicos da filosofia e 2) o aproveitamento de apenas essas três áreas da filosofia. A falta de oferta de uma bibliografia voltada aos grandes clássicos da filosofia, não possibilita, na maioria das vezes, que o profissional bibliotecário tenha contato com o efeito que aquele pensamento produziu em sua época, tampouco efeito que produz na contemporaneidade. Como afirma Salatiel, 2021: "o que faz de um determinado autor um clássico, é que suas ideias permanecem atuais". Os resultados encontrados demonstram a aplicabilidade, de maneira notável, de apenas três áreas do conhecimento da filosofia, como mencionado: Introdução à filosofia, Lógica e Ética. É importante ressaltar que grande parte das universidades não ofertam disciplinas com conteúdos filosóficos.

Os resultados dessa pesquisa sugerem que a importância de uma grade curricular diversificada, não apenas técnica ou humanística, contribui para a formação completa de um profissional da informação. Sendo a informação um objeto de estudo complexo, exige-se profissionais que sejam capazes de atuar partindo de especificidades e estratégias no âmbito da complexidade. Para tanto é necessário que o bibliotecário atue em diversas situações, como afirma Morin:

[...] parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e polilógicas e, com isso,

enfrenta a contradição por várias vias.
(Morin, 2000, p. 86).

Não considerar questões epistemológicas, ontológicas, estéticas e até mesmo da teoria do conhecimento, na formação do Bibliotecário, pode prejudicar sua

formação enquanto um profissional completo, invalidando e até mesmo impossibilitando suas competências de leitura, crítica, pensamento lógico e resolução de problemas. Competências que são indispensáveis para um profissional que organiza e difunde o conhecimento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise das disciplinas de filosofia nos cursos levantados, uma das questões que ecoa é porque as disciplinas de Lógica e Ética aparecem repetidas vezes nos currículos de biblioteconomia.

Entende-se que as exigências de demonstração, racionalização e exposição que caracteriza a filosofia na busca da compreensão dos fenômenos em volta de si, faz dela uma disciplina fundamental nos currículos escolares/acadêmicos. No que concerne aos cursos de biblioteconomia, o ensino de filosofia, pode estimular os profissionais a pensar corretamente sobre as áreas a classificar.

Aliás, é propalado que a filosofia ensina o aluno a pensar, por isso, a sua aprendizagem nos cursos de biblioteconomia pode garantir a transferência de competências individuais para um agir coletivo/profissional dentro das instituições.

Em relação ao Brasil, o ensino de Filosofia nos cursos de Biblioteconomia, tem uma estreita relação com a Ciência da Informação. Não obstante, o uso da filosofia na pesquisa em Ciência da Informação não repercute tão diretamente na formação de bibliotecários.

A compreensão da presença do ensino de filosofia nos currículos da biblioteconomia no Brasil depende necessariamente do entendimento que se pode ter sobre as influências francesa e norte-americana, e sobre as diversas transformações que a disciplina de Filosofia passou no próprio ensino básico.

As práticas do bibliotecário, como aponta Souza (2009), não se encerram em si mesmas, o profissional precisa conhecer profundamente e dominar conhecimentos filosóficos. Percebe-se que com currículos que aprofundam conhecimentos de ética e lógica, capacitam o profissional para uma área interdisciplinar, sistêmica fomentando a capacidade de analisar a organização do conhecimento.

As próximas etapas da pesquisa irão investigar as linhas e as correntes filosóficas e buscar identificar os autores da filosofia clássica e contemporânea presentes em outras disciplinas do curso de biblioteconomia cujo rótulo não demonstra relação direta com a filosofia. Dessa forma, será possível ampliar o mapa para conhecer a situação do ensino de filosofia no âmbito do curso de biblioteconomia e seguir para um estudo comparativo do ensino de filosofia na área no Brasil e em outros países.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa recebeu o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Chamada CNPq Nº 4/2021 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ, Processo: 316198/2021-8.

Agradecemos ao grupo de pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2580>).

REFERÊNCIAS

- Castro, C. A. (2000). História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus.
- Cunha, M. V. (2006). As profissões e as suas transformações na sociedade. In Miriam Vieira da Cunha., & Francisco das Chagas de Souza (Org.), Comunicação, Gestão e Profissão: abordagens para o estudo da Ciência da Informação, 141-150. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Fonseca, E. N. (1978). A Biblioteconomia Brasileira no Contexto Mundial. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro.
- Fonseca, E. N. (1997). O Ensino da Biblioteconomia no Brasil. Recife, PE. (entrevista escrita).
- Gallo, S. A especificidade do ensino de filosofia em torno dos conceitos. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.
- Gallo, S., & KOHAN, W. (2000). Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Gomes, C. S. (1983). Biblioteca e Sociedade na Primeira República. São Paulo, SP: Pioneira.
- Guimarães, J. A. C. & Fujita, M. S. L. (2006). Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Editora.
- Marcondes, D. (2004) É possível ensinar filosofia? E se possível como? In: Filosofia: caminhos para o seu ensino. Rio de Janeiro: DP&A.
- Montello, J. (1967). Explicação. In: Dias, A. C. Formação profissional: análise da conjuntura. Guanabara, RJ: ABB.
- Morin, E. (2000). Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Mueller, S. P. M. (1985). O ensino de biblioteconomia no Brasil. Ciência Da Informação, 14(1).
<https://doi.org/10.18225/ci.inf.v14i1.222>
- Souza, F. C. (2009). O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX. Florianópolis, SC: Editora da UFSC.
- Souza, F. C. O discurso sobre a educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: caminhos teórico-metodológicos para a compreensão. In Miriam Vieira da Cunha., Francisco das Chagas de Souza (Org.), Comunicação, Gestão e Profissão: abordagens para o estudo da Ciência da Informação, 141-150. Belo Horizonte, MG: Autêntica.